



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A RESSILABIFICAÇÃO VARIÁVEL DO RÓTICO NO SUL DO BRASIL
(PROJETO ALiB)

Mário Jesus Gomes Alves

Rio de Janeiro
2020

MÁRIO JESUS GOMES ALVES

A RESSILABIFICAÇÃO VARIÁVEL DO RÓTICO NO SUL DO BRASIL
(PROJETO ALiB)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português e Inglês.

Orientadora: Professora Doutora Carolina Ribeiro Serra

RIO DE JANEIRO
2020

CIP - Catalogação na Publicação

A474r Alves, Mário Jesus Gomes
 A ressilabificação variável do rótico no Sul do
 Brasil (Projeto ALiB) / Mário Jesus Gomes Alves. -
 - Rio de Janeiro, 2020.
 39 f.

 Orientador: Carolina Ribeiro Serra.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Inglês, 2020.

 1. Ressilabificação do rótico. 2. Fronteiras
 Prosódicas. 3. Sociolinguística. 4. Sul do Brasil. 5.
 ALiB. I. Serra, Carolina Ribeiro, orient. II. Título.

À memória da minha avó Raimunda.

Agradecimentos

À Professora Carolina Serra, que atenciosamente orientou esta pesquisa, por ter me inserido no fascinante campo dos estudos (socio)linguísticos e me apoiado ao longo da minha jornada na graduação;

Aos professores da Faculdade de Letras que participaram da minha formação na graduação, por terem me apresentado não apenas os conhecimentos que me permitiram realizar esta pesquisa e redimensionaram minha visão sobre as línguas, a literatura e a educação, mas também os que me levam a refletir sobre a realidade, a condição humana e o mundo;

Ao ALiB, por ter disponibilizado as amostras de fala dos 24 informantes das capitais do Sul, aos quais também expressei meu agradecimento pela valiosa contribuição;

À Mayra Santana, por gentilmente ter cedido materiais que me possibilitaram realizar uma parte importante da análise dos dados;

Aos colegas Bruna, Caio e Lucas, por terem me auxiliado na execução de algumas etapas do trabalho;

Ao Professor Marcelo Melo e às Professoras Cristina Abreu, Kristine Stenzel, Dinah Callou, Cláudia Cunha e Valéria Monaretto, por terem contribuído com avaliações e sugestões, que possibilitaram o aprimoramento da análise;

Ao PIBIC/UFRJ, por ter me concedido a bolsa de iniciação científica, que possibilitou o desenvolvimento do estudo;

Aos companheiros de pesquisa da sala F312, por terem compartilhado momentos alegres durante a construção da pesquisa;

*

À minha mãe, Osvaldina, que me ensinou as primeiras letras e me apoiou durante minha trajetória na Letras, por ter feito o seu melhor para que tivesse acesso à educação e a outras possibilidades na vida.

Ao Everton, à Louise e à Larissa, por terem acreditado em mim e me incentivado a buscar novos horizontes.

*Examinemos a melodia da nossa língua e essa guardenmos como fezerão outras gêtes. [...]
Pronũciase o .r. singelo cõ a lingoa pegada nos dêtes queyxaes de çima, e sae o bafo tremendo na ponta da lingua. Do .rr. dobrado, a pronũciação e a mesma que a do .r. singelo, se não que este dobrado arranha mays as gẽgibas de çima, e o singelo não treme tãto.*

Fernão de Oliveira
(Grammatica da Lingoagem Portuguesa, 1536)

RESUMO

ALVES, M. J. G. **A ressilabificação variável do rótico no Sul do Brasil (Projeto ALiB)**. 2020. 40 f. Monografia – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O tema desta monografia é a ressilabificação do rótico (RR) – ex.: mar[ra]zul – no português falado na região Sul do Brasil e sua relação com o processo de apagamento do rótico em coda silábica final. Partindo do princípio de que a ocorrência da RR é influenciada pelas fronteiras dos constituintes prosódicos palavra prosódica, sintagma fonológico e sintagma entoacional, o estudo analisa a sua distribuição na região Sul bem como aponta o papel de variáveis linguísticas e sociais na atuação da regra. O *corpus* consiste em 24 amostras de fala semiespontânea (Projeto ALiB) estratificadas segundo a região (Curitiba, 8; Florianópolis, 8; Porto Alegre, 8), o sexo (masculino; feminino), a idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e o nível de escolaridade (fundamental e superior) dos informantes. Para a análise dos dados, o aparato teórico inclui os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e seus desdobramentos na Sociolinguística laboviana (tratamento estatístico: pacote de programas Goldvarb X), da Fonologia Lexical e da Fonologia Prosódica. Os resultados indicam que a RR é uma regra variável (*input* .86), portanto, pós-lexical, e é restringida pelo apagamento, pela pausa e pela fronteira de sintagma entoacional. Ocorre mais em Porto Alegre (P.R. .73) e Curitiba (P.R. .43) do que em Florianópolis (P.R. .27), o que evidencia que a aplicação da regra está correlacionada aos diferentes índices de apagamento do rótico em cada capital. Pode, em menor escala, ser realizada por outra variante, que não o tepe, em um processo tratado como RR não prototípica. De forma geral, há uma tendência à simplificação da estrutura silábica CVC e ao esvaziamento da coda silábica, uma vez que o segmento é apagado ou ressilabificado. Se nenhum desses processos se aplicar, o rótico pode, ainda, ser realizado em coda diante da fronteira de sintagma entoacional acompanhada por pausa. Finalmente, há indícios de que as vogais de traço [+rec] podem favorecer o processo mais do que as demais, mas uma análise mais sistemática da frequência vocabular na amostra é necessária.

Palavras-chave: Ressilabificação do rótico; Fronteiras prosódicas; Sociolinguística; Região Sul do Brasil; ALiB.

ABSTRACT

The subject of this research is the rhotic resyllabification (RR) – e.g. mar[ra]zul “blue sea” – in the variety of Portuguese spoken in the South region of Brazil and its relation to rhotic (R) deletion in the final syllabic coda. Departing from the principle that the occurrence of RR is influenced by the prosodic constituents, namely, prosodic word, phonological phrase, and intonational phrase, the study examines the application of the rule in the aforementioned region as well as the role of linguistic and social variables in the process. The corpus consists of 24 semi-spontaneous speech samples (ALiB Project) stratified according to the informants’ birthplace (Curitiba, 8; Florianópolis, 8; Porto Alegre, 8), sex (male; female), age (18 to 30 years; 50 to 65 years), and level of education (up to middle school; undergraduate degree). For the data analysis, the theoretical framework includes the fundamentals of the Theory of Language Variation and Change and its quantitative configuration as Labovian Sociolinguistics (statistical data processing: GoldVarb X), Lexical Phonology, and Prosodic Phonology. The results indicate that RR is a variable and post-lexical rule (input .86) constrained by R-deletion, pauses, and the intonational phrase. Furthermore, it occurs more in Porto Alegre (R.W. .73) and Curitiba (R.W. .43) than in Florianópolis (R.W. .27), which suggests that the RR application is correlated to the different rates of R-deletion in each city. To a lesser extent, the process can also be characterised by a variant other than the tap in a process regarded as non-prototypical RR. Overall, there is a tendency for the simplification of the syllabic structure CVC and the emptying of the coda position, for the segment is either deleted or resyllabified. If neither of these processes applies, the segment may be realised before the intonational phrase boundary accompanied by a pause. Finally, evidence suggests that vowels specified as [+back] may favour the process more than the others, although a more systematic verification of lexical frequency in the data is necessary.

Keywords: Rhotic resyllabification; Prosodic boundaries; Sociolinguistics; South region of Brazil; ALiB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Reestruturação sílaba do rótico	11
Figura 2: Estrutura lexical segundo a FL	17
Figura 3: Hierarquia dos constituintes prosódicos	18
Figura 4: Aspectos entoacionais da fronteira de IP	20

Gráficos

Gráfico 1: Apagamento do rótico em verbos e não verbos no contexto R#V	21
Gráfico 2: Realizações do rótico em verbos e não verbos no contexto R#V	23

Quadros

Quadro 1: Variáveis utilizadas na análise da ressilabificação	16
Quadro 2: Exemplos do apagamento em verbos e não-verbos no contexto R#V	21-2
Quadro 3: Exemplos das realizações do rótico em verbos e não-verbos no contexto R#V	23
Quadro 4: Representação da regra de ressilabificação segundo a FL	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da ressilabificação de acordo com a fronteira prosódica	26
Tabela 2: Distribuição da ressilabificação de acordo com a capital	27
Tabela 3: Distribuição da ressilabificação de acordo com vogal no núcleo silábico subsequente ao /R/	29
Tabela 4: Distribuição da ressilabificação de acordo com a faixa etária	30
Tabela 5: Cruzamento das variáveis faixa etária e classe morfológica	32
Tabela 6: Cruzamento das variáveis faixa etária e sexo	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A RESSILABIFICAÇÃO DO RÓTICO NO PB	13
2 <i>CORPUS</i> E APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO	15
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
3.1 Apagamento	21
3.2 Ressilabificação e outras realizações do rótico	22
3.2.1 Variáveis relevantes para a ressilabificação	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	38
APÊNDICE A – Verbos envolvidos na ressilabificação	38
APÊNDICE B – Não verbos envolvidos na ressilabificação	39
APÊNDICE C – Vocábulos portadores de vogal envolvidos na ressilabificação	40

INTRODUÇÃO

A ressilabificação do rótico (Doravante RR) é um fenômeno da língua portuguesa que modifica a estrutura silábica de vocábulos adjacentes não marcados por pausa, como um substantivo e seu adjetivo ou um verbo e seu complemento (CÂMARA JR., 1970). Nesse processo, uma consoante em coda silábica se liga à vogal imediatamente seguinte e a estrutura silábica travada forma uma nova sílaba aberta (CVC#V → CVCV). Tipicamente, o sândi é caracterizado pela emergência de um tepe – [r] –, o chamado /r/ fraco, no contexto intervocálico, conforme a Figura (1), elaborada a partir da teoria métrica (PIKE & PIKE, 1947; FUDGE, 1969; SELKIRK, 1982).

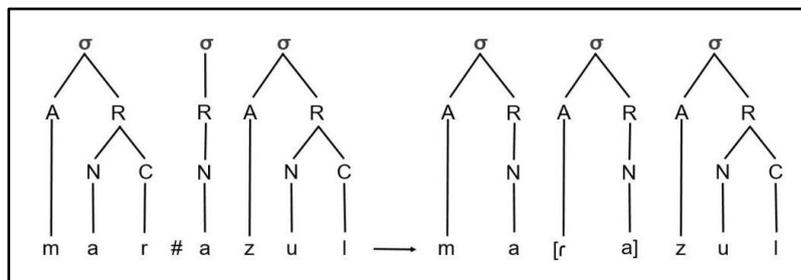


Figura 1: Reestruturação silábica do rótico.

Fonte: Elaboração própria.

Tal como outros fenômenos fonológicos, a aplicação da RR não se limita ao domínio da sílaba. Além de ser propiciada no contexto de rótico seguido por vogal (R#V), assumimos que a regra é desencadeada no nível sintático e sujeita a um condicionamento das fronteiras prosódicas, que podem (des)favorecer processos segmentais e suprasegmentais. Assim, na linha dos estudos que investigam a atuação da estrutura prosódica na ocorrência de sândis, este trabalho focaliza a RR na fala semiespontânea, tomando como referência os resultados que evidenciam a relação entre a regra e tais fronteiras no PB (TENANI, 2002, 2003, 2006; SERRA & ALVES, 2019).

Como a RR envolve a realização do /R/ em coda, o estudo desse fenômeno requer que se considere a tendência ao apagamento do rótico (AR) verificada no português brasileiro (PB) atualmente (fala/R/ → falaØ). Embora o processo represente uma mudança em curso na língua (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015), a convergência de fatores articulatorios, morfológicos e prosódicos afeta a sua distribuição, que não é uniforme pelas as regiões do país nem nas classes de não verbos e verbos. Análises apontam, por exemplo, que o processo já é quase categórico em ambas as classes no Nordeste, mas se aplica mais em verbos do que em não verbos no Sul (MONARETTO, 2000; CARDOSO et al, 2014; SANTANA, 2017).

Para esta análise da RR, a escolha da região Sul se justifica precisamente pelos seus maiores índices de realização do /R/ em relação às demais regiões do Brasil. Em particular, interessa o panorama do AR apresentado nos estudos de Santana (2017) e Oliveira, Santana, Xavier & Serra (2018) a partir de dados do ALiB que foram extraídos apenas dos contextos de /R/ seguido por pausa ou consoantes em função da possibilidade de ocorrência da RR nos contextos R#V. Os resultados apontam que as capitais apresentam altos índices de aplicação do AR em verbos, mas Florianópolis (v: *input* .98; nv: *input* .38) registra índice maior do que os de Curitiba (v: *input* .91; nv: *input* .05) e Porto Alegre (v: *input* .87; nv: *input* .03) em não verbos. Como o AR já é expressivo nas três cidades, especialmente em não verbos, consideramos que sua distribuição influenciará a da RR.

Tomando como ponto de partida esses resultados, o principal objetivo deste trabalho é descrever, analisar e interpretar a RR nas três capitais da região Sul à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1962), da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1994; 2001; 2010), da Fonologia Lexical (KYPARSKY, 1982) e da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986). Objetivamos, ainda, apresentar a distribuição do fenômeno, seu encaixamento nas estruturas linguística e social e as variáveis que o favorecem. Com isso, pretendemos contribuir para a ampliação dos estudos sobre esse fenômeno no PB e sobre os róticos, de forma mais ampla.

No que se refere às hipóteses, sua formulação leva em conta os resultados sobre a RR obtidos em uma primeira análise de dados de fala semiespontânea das capitais do Sul (SERRA & ALVES, 2019). Assim, partimos do princípio de que (1) a RR seja uma regra variável no PB, (2) ocorra devido a uma tendência à simplificação da sílaba CVC, (3) sofra restrição do AR e (4) encontre *locus* de aplicação preferencial nos domínios mais baixos de palavra prosódica e sintagma fonológico, já que ao de sintagma entoacional estão associadas informações prosódicas importantes que inibem a ocorrência de certos fenômenos segmentais. Por fim, buscamos confirmar a influência de variáveis linguísticas e sociais na ocorrência da regra.

Além desta introdução, o tema da monografia é desenvolvido em quatro capítulos. Os trabalhos que discutem a RR no PB, nos quais a hipótese prosódica é respaldada, são introduzidos a seguir, no capítulo I. O *corpus*, a metodologia e o aparato teórico para análise dos resultados são descritos no capítulo II. A apresentação dos resultados e a sua discussão são feitas no capítulo III. Finalmente, as considerações finais e os possíveis desdobramentos do estudo da RR são expostos no capítulo IV.

1 A RESSILABIFICAÇÃO DO RÓTICO NO PB

A ressilabificação é um fenômeno sobre o qual ainda não se encontram muitas referências na literatura descritiva do PB. É nos trabalhos de Tenani (2002), Marcato (2013) e Serra Alves (2019) que são verificados não somente os primeiros resultados sobre a ocorrência desse processo como também as primeiras evidências de sua relação com as fronteiras prosódicas. Os principais aspectos e os resultados de cada trabalho são apresentados a seguir.

A partir da chamada *fonologia laboratorial*, Tenani (2002) se vale da RR¹ e de outros tipos de sândi para evidenciar os constituintes prosódicos e seu papel na organização entoacional do PB. No experimento de leitura, onze enunciados apresentam o rótico em coda diante de quatro tipos de fronteiras prosódicas, quais sejam, palavras internas ao mesmo sintagma fonológicos, entre sintagmas fonológicos, entre sintagmas entoacionais e entre enunciados fonológicos, como em “[O açúcar amarelo] φ é mais saboroso”, “[O Sebastião José Ferreira Júnior] φ [alcançou] bons resultados”, “[O açúcar] I [apesar do especulador] I [alcançou bom preço.]” e “[Fábio vendeu açúcar.] U [Alcançou bons resultados.]” (p.120), respectivamente. Os enunciados foram lidos duas vezes por três informantes², perfazendo-se um total de 66 dados de /R/ diante das fronteiras.

Os resultados indicam que a RR se aplica entre todas as fronteiras, ainda que os constituintes envolvidos variem quanto ao tamanho e à complexidade. Isto é, o processo ocorre tanto entre os quanto entre Us. Segundo a autora, não há um domínio preferencial para sua aplicação nem uma fronteira relevante para seu bloqueio no PB, sendo a pausa o fator que a impede entre os domínios de I e U. Embora evidenciem que o sândi não é bloqueado por nenhuma fronteira prosódica, os achados da autora se baseiam em um número limitado de dados e não possibilitam maiores considerações sobre a atuação das fronteiras ou a distribuição do processo do ponto de vista variável, que leva em conta a influência de outros fatores linguísticos e sociais.

Assim como Tenani, Marcato (2013) aborda a RR como um dos tópicos da análise mais ampla feita no trabalho. Nesse caso, o foco é o comportamento prosódico das preposições monossilábicas a partir de amostras de fala do *corpus* IBORUNA³. Em relação

¹ A autora atribui o nome *tapping* ao processo e também discute a sonorização de /S/ como ressilabificação.

² As informantes foram orientadas a ler as sentenças da maneira que considerassem mais próxima da fala espontânea.

³ Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>>.

ao rótico, o segmento é observado através da relação entre o clítico *por* e outros vocábulos, como em “po[ra]lguns, po[re]xemplo, po[re]la, po[ri]sso, po[ro]tra, po[ru]ma” (p. 84).

Das 476 ocorrências da preposição, um total de 252 apresentavam o contexto necessário à RR, que ocorreu em 94,44% (238) dos casos, atingindo um índice de aplicação quase categórico. Nota-se que o /R/ se encontra em fronteira de ω interna ao mesmo φ , o que indica que esse contexto favorece o processo. Apesar de os resultados se limitarem a um único vocábulo, verifica-se que a RR pode ser mais favorecida por determinados itens lexicais, como parece ser o caso do clítico *por*.

Tomando esses achados como referência, em estudo que serve como ponto de partida para a presente análise, Serra & Alves (2019) fazem uma investigação de orientação variacionista para observar a influência de onze variáveis linguísticas e sociais na ocorrência da RR. Como um de seus principais aspectos, o trabalho discute a regra relativamente às fronteiras prosódicas. Nessa etapa, que também contou com o *corpus* do ALiB, foram utilizadas doze amostras de fala semiespontânea de informantes com ensino superior.

Em síntese, entre outras evidências, destacamos a distribuição da regra nas três capitais. Os resultados preliminares indicaram uma tendência a que a regra seja mais realizada em Porto Alegre (P.R.: .67) do que em Curitiba (P.R.: .56) e Florianópolis (P.R.: .34), o que, nesse caso, foi explicado em parte pela influência das fronteiras prosódicas. Já se verifica que a RR, tal como o AR, é um processo que atua distintamente dentro da mesma macro região.

Embora variem quanto aos objetivos e as metodologias adotadas, todos esses estudos apontam que a RR é um processo produtivo no PB. Os resultados dessas análises, em particular, os de Serra & Alves, são aprofundados nesta monografia, que dispõe de um *corpus* acrescido de amostras de informantes com ensino fundamental e um refinamento metodológico. No próximo capítulo, esses e outros aspectos da pesquisa são apresentados.

2 CORPUS E APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O *corpus* da pesquisa é constituído de 24 amostras de fala integrantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil⁴. As entrevistas⁵ são realizadas por meio de um questionário composto por perguntas que abrangem aspectos fonético-fonológico (152), prosódico (11), semântico-lexical (202), morfossintático (49) e pragmático (04) da língua, temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal –, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura – *A parábola dos sete vimes* (ALIB, 2020?). As amostras são igualmente estratificadas de acordo os critérios sociais utilizados na sua captação: o sexo (masculino, feminino), a faixa etária (18-30 anos, 36-65 anos), a escolaridade (até a 8ª série, ensino superior) e a cidade natal dos informantes (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre). Quanto à distribuição, cada cidade conta com oito amostras.

Metodologicamente, esta monografia apresenta um refinamento em relação ao estudo de Serra e Alves (2019). Como não houve a observação de outros processos aplicados ao /R/ no estudo em questão, a real atuação da RR foi encoberta nas rodadas. Assim, além dessa regra, passamos a considerar a ocorrência do AR, a realização de variantes diferentes do tepe e a incidência de pausas no contexto R#V.

Em geral, os dados⁶ foram obtidos a partir de trechos de fala mais longos nos quais o /R/ pode ser observado em sua relação com as três fronteiras prosódicas que serão apresentadas adiante. Para o processamento estatístico, foram separados em dois grupos: um para aqueles nos quais o AR se aplicou primeiro e outro para aqueles em que houve a aplicação da RR ou a realização de outras variantes do /R/ seguidas por pausa ou não. Uma vez separados, os dados foram submetidos a duas rodadas realizadas no programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

A codificação sociolinguística foi feita de acordo com as variáveis apresentadas no Quadro 1, que também foram testadas no trabalho de Serra & Alves (2019).

⁴ Iniciado por pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a ideia central do projeto é não somente a produção de um atlas do PB, mas também a criação de um banco de dados voltado aos estudos linguísticos e à descrição do PB. Doze universidades cooperam no processo de construção do *corpus* e na produção de estudos. Dois volumes do Atlas foram editados pela EDUEL e lançados durante o II Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em 2014 (ALIB, 2020?).

⁵ Na entrevista, os pesquisadores fazem as perguntas e os informantes são estimulados a fornecer respostas da maneira mais espontânea possível. Como a extensão das respostas varia de um informante para outro, as amostras tendem a ter tamanhos diferentes mesmo nos casos em que o perfil é o mesmo.

⁶ Em função um possível enviesamento dos resultados, foram descartados os dados referentes à preposição *por*, muito frequente nas entrevistas, à leitura do texto *A parábola dos sete vimes* e aos casos de pausas excessivamente longas resultantes de hesitações dos informantes.

Quadro 1: Variáveis utilizadas na análise da rressilabificação.

Dependente	i) rressilabificação x não rressilabificação
Independentes linguísticas	ii) classe morfológica do vocábulo portador do /R/ (verbo ou não verbo) iii) dimensão do vocábulo portador do /R/ (1 sílaba, 2 ou mais sílabas) iv) dimensão do vocábulo portador da vogal (1 sílaba, 2 ou mais sílabas) v) vogal no núcleo silábico portador do /R/ vi) vogal no núcleo silábico subsequente ao /R/ vii) tonicidade da sílaba subsequente (átona em monossílabos átonos, átona em palavra acentuada, tônica) viii) fronteira prosódica (ω , φ e I)
Independentes sociais	iv) capital (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre) x) sexo (masculino, feminino) xi) faixa etária (18 – 30 anos, 56 – 65) xii) escolaridade (até a 8ª série, ensino superior)

A análise dos dados se fundamenta, principalmente, na *Teoria da Variação e da Mudança Linguística* (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), segundo a qual as línguas naturais são organismos heterogêneos sensíveis a restrições linguísticas e sociais. Inerentemente variáveis, estão em um processo de mudança contínua, que é um subproduto da interação entre falantes. Portanto, através do uso, variantes linguísticas buscam encaixe no sistema linguístico e nas comunidades coexistentes de falantes.

Ao proporem princípios empíricos para o estudo da mudança, Weinreich, Labov & Herzog (1968) apontam cinco aspectos do processo, formulados como cinco problemas:

(i) o problema das restrições ao uso de formas em variação (as condições para a mudança); (ii) o problema da transição (os estágios da mudança em progresso); (iii) o problema do encaixamento (o encaixamento da mudança na estrutura linguística, como um todo, e na estrutura social, no contexto mais amplo da comunidade de fala); (iv) o problema da avaliação (o nível de consciência do falante sobre o uso das variáveis); e (v) o problema da implementação (o processo de mudança linguística pode envolver estímulos e restrições, tanto da sociedade como da estrutura linguística) (SERRA & ALVES, 2019, p. 53)

Já no âmbito da Sociolinguística Quantitativa, Labov (1994, 2001; 2003; 2010) propõe que as regras linguísticas sejam sistematizadas de acordo com sua aplicação. Para isso, define três tipos de regras: as categóricas (100%), as semicategóricas (95- 99%) e as variáveis (5-95%). Com base nesses indicadores e na distribuição da RR entre as capitais do

Sul, pretendemos determinar o tipo de regra que a RR configura, considerando os estímulos sociolinguísticos que contribuem para seu encaixe nas estruturas linguística e social.

Além de uma interpretação sociolinguística, a RR é analisada com o auxílio da Fonologia Lexical (LP), uma teoria formal que busca evidenciar a interface fonologia-morfologia através de processos de formação de palavras e fenômenos aplicados em todas as unidades prosódicas (BISOL, 2017). Segundo Kiparsky (1982), os processos flexionais e derivacionais de uma língua podem ser organizados em níveis nos quais determinado conjunto de regras fonológicas opera e define seu domínio de aplicação. O ordenamento dos níveis não somente especifica os tipos de processos morfológicos como também possibilita a interação entre os componentes lexicais e a aplicação de regras resultantes dessa interação.

A FL prevê a existência de dois níveis identificados com base nas regras que operam neles. No lexical, regras morfológicas e fonológicas como a afixação, a acentuação e a silabificação se aplicam à saída de toda regra morfológica, gerando entradas suscetíveis a novas regras ordenadas em um mesmo nível lexical. Ainda nesse nível, os processos de formação de palavras geram representações lexicais diferentes das formas subjacentes. No pós-lexical, regras fonológicas variáveis como a ressilabificação, sândis e tom operam quando as palavras estão prontas e inseridas em sintagmas. Neles, as palavras são submetidas a regras pós-lexicais que originam sua representação fonética. (KIPARSKY, 1982; LEE, 1992, 1995; GONÇALVES, 2013; BISOL, 2017). O modelo, assim, postula três representações: a subjacente, a lexical e a fonética. Na Figura (2), vê-se a estrutura lexical.

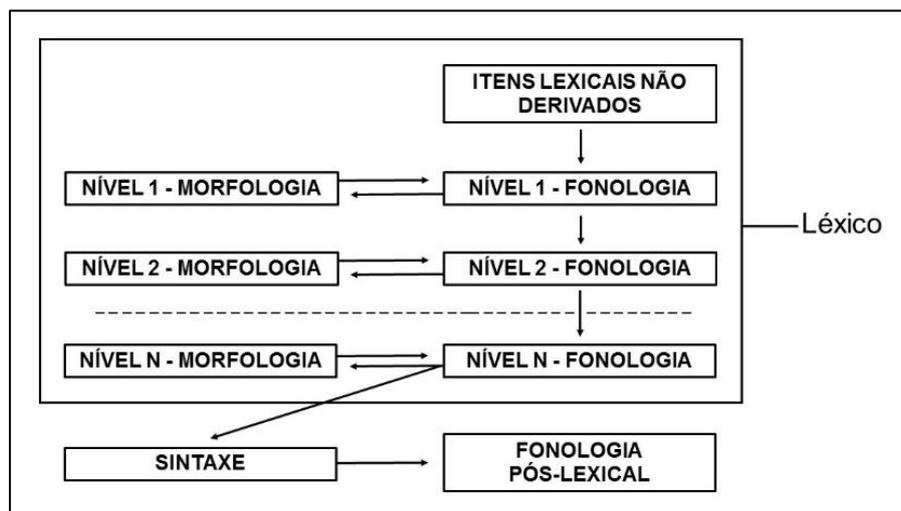


Figura 2: Estrutura lexical segundo a FL.
Fonte: Adaptado de Kiparsky (1982).

No PB, três regras de ressilabificação consonantal operam no nível sintagmático: a da lateral (/l/ → [l̥])⁷, a da fricativa (/s/ → [z]) e a do rótico (/r/ → [r̥]) em coda final (LEE, 1992; TENANI, 2002; COLLISCHONN, 2005; SERRA & ALVES, 2019). Em todos os casos, os vocábulos estão devidamente formados e inseridos nos sintagmas, como em (1):

(1) O que me deixa feliz é eu [poder]_{sv} [acordar]_{sv}. (Informante 1 – Florianópolis)

Nesse exemplo, o /R/ em coda passa ao *onset* da nova sílaba e se realiza como um segmento [+ant] → **pode[ra]cordar**. A regra, logo, aplica-se no pós-léxico, na representação fonética resultante dos processos sintáticos.

Para a análise prosódica da RR, adotamos a Fonologia Prosódica (FP), em cujo âmbito se analisa a interação entre a Fonologia, considerada um componente gramatical, e os demais componentes da gramática (TENANI, 2017). De acordo com Nespor & Vogel (1986), a representação mental da fala está organizada em constituintes prosódicos que formam uma hierarquia de domínios suscetíveis a fenômenos segmentais e suprasegmentais. No seu modelo, baseado em Selkirk (1980), a estrutura inclui a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra prosódica (ω ou PW), o grupo clítico (C), o sintagma fonológico (φ ou PhP), o sintagma entoacional (I ou IP) e o enunciado fonológico (U)⁸, como a Figura (3). Como a identificação de tais domínios nas línguas depende do mapeamento de regras neles aplicáveis ou não, a PW, o PhP e o IP são os mais evidentes no português (MATEUS, 2004).

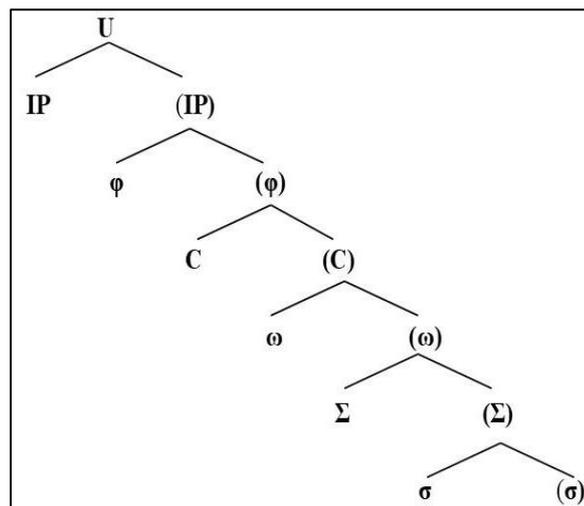


Figura 3: Hierarquia dos constituintes prosódicos.
Fonte: Adaptado de Nespor & Vogel (1986[2007]).

⁷ A lateral /l/ em coda pode se ressilabificar como [l̥] principalmente em Porto Alegre (COLLISCHONN, 2005).

⁸ Do inglês, *syllable*, *foot*, *prosodic word*, *clitic group*, *phonological phrase*, *intonational phrase* e *phonological utterance*.

Uma das principais características da FP é que as unidades prosódicas são formadas a partir de informação morfossintática, mas não são obrigatoriamente isomórficas a nenhum constituinte gramatical. A PW corresponde a todo vocábulo portador de um, e somente um, acento primário. Palavras compostas ou portadoras dos afixos acentuados *pré-*, *pós-*, *-zinho* e *-mente* equivalem a duas PWs. O PhP é constituído de uma cabeça lexical (X) – sintagmas nominais, adjetivais, verbais ou adverbiais –, todos os elementos do lado não recursivo (esquerdo) até a projeção máxima da cabeça e seu complemento *XP* no lado recursivo da língua. O IP compreende sequências não anexadas à oração raiz ou sequências de PhPs a ela anexadas. A formação desse constituinte é influenciada por fatores não sintáticos como o tamanho e a proeminência semântica do constituinte, o ritmo e o estilo de fala (NESPOR & VOGEL, 1986; FROTA, 2000; MATEUS, 2004; TENANI, 2002; SERRA, 2009; VIGÁRIO, 2010).

No livro *Prosodic Phonology* (1986), em que diversos fenômenos fonológicos em línguas clássicas e modernas são analisados, Nespor & Vogel apontam que a ressilabificação é um parâmetro fixado em cada sistema fonológico. Por isso, o processo mais é recorrente nas línguas românicas do que nas germânicas, por exemplo. Neste trabalho, analisamos a RR a partir da relação entre o rótico e as fronteiras de PW, PhP e IP, como nos exemplos (2), (3) e (4), respectivamente. A sua atuação será averiguada através de uma variável na codificação sociolinguística dos dados, conforme já indicado no Quadro 1.

- (2) Duas vezes por semana, a senhora tem que vim aqui pra [ser] ω [examinada], né?
(Informante 3 – Curitiba)
- (3) Ela disse: “O senhor acha pouco [ser] φ [hepatite]?”. (Informante 3 – Porto Alegre)
- (4) [Doutor], I [eu vou ter alta hoje]? (Informante 1 – Florianópolis)

Como já referido, nossa hipótese é a de que as fronteiras dos constituintes prosódicos influenciarão a aplicação da RR distintamente. Assim como mostram Serra e Callou (2015), entre outros, regras fonológicas tendem a ser mais favorecidas nas fronteiras de PW e PhP, que são internas à frase, e desfavorecidas (ou mesmo bloqueadas) na de IP, que corresponde à fronteira de frases (verbais ou não). A perda segmental, por exemplo, no caso dos róticos, é uma dessas regras que se mostra desfavorecida na fronteira de IP e favorecida na de PW e PhP, como ilustra a Figura 4, a seguir, na qual observamos a realização do rótico na palavra *valer* e seu cancelamento em *estudar*. Do ponto de vista entoacional (LADD, 1996), a fronteira de IP é bastante relevante, já que ali estão associados um acento

tonal e um tom de fronteira (v. H+L*L%), eventos melódicos importantes para a distinção de tipos frásicos nas línguas (MORAES, 2008), que tendem a requerer a integridade do material segmental em que se encontram ancorados. Assim, postulamos que a fronteira prosódica de IP também funcionará como um inibidor à aplicação do processo segmental da RR.

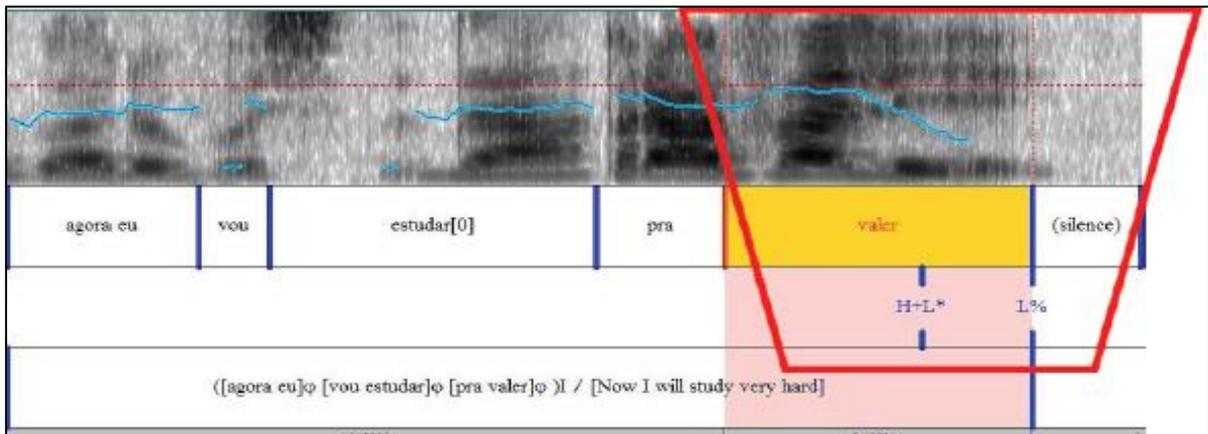


Figura 4: Aspectos entoacionais da fronteira de IP.

Fonte: Serra & Callou (2015).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, foram levantados 2006 dados de verbos e 304 de não verbos no contexto *R#V*. A sua distribuição é feita de acordo com os processos aplicados ao /R/. A seguir, são apresentados o AR, a RR e as variáveis sociolinguísticas selecionadas para este processo.

3.1 Apagamento

O AR (Exemplos 5 – 10) se aplicou em 1810 dados de verbos (90,2%) e em 80 de não verbos (23,6%). O Gráfico 1 apresenta sua distribuição por capital e classe morfológica. Em Curitiba, o processo se aplicou em 618/710 dados de verbos (87%) e em 9/96 de não verbos (9%); em Florianópolis, em 718/771 dados de verbos (93%) e em 54/101 de não verbos (53%); em Porto Alegre, em 474/525 dados de verbos (90%) e em 17/107 de não verbos (16%).

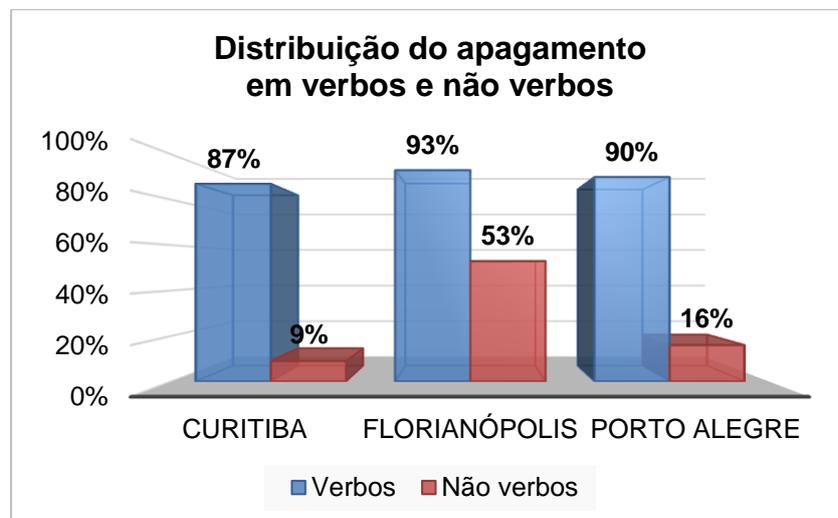


Gráfico 1: Apagamento do rótico em verbos e não verbos no contexto *R#V*.

Quadro 2: Exemplos do apagamento em verbos e não verbos no contexto *R#V*.

Verbos	<p>Curitiba – (5) Me disseram que, se esfregaØ aliança na palma da mão e colocaØ em cima (da verruga), ela some. (Informante 2)</p> <p>Florianópolis – (6) Vamo almoçaØ. AlmoçaØ era tomaØ o café da manhã. (Informante 8)</p> <p>Porto Alegre – (7) Eu ia procurar serviço só que eu vou esperaØ até quarta-feira pá pegaØ a minha terceira. (Informante 1)</p>
---------------	---

Não verbos	<p>Curitiba – (8) Daí eu faço uma macarronadinha qualqueØ assim, mas eu não gosto de cozinhar. (Informante 8)</p> <p>Florianópolis – (9) Tem uns fogos aqui no lado direito superioØ e no lado esquerdo inferior... (Informante 5)</p> <p>Porto Alegre – (10) Não dá pra dizer que uma é melhor que a outra, maioØ ou menor que a outra. (Informante 7)</p>
-------------------	---

Como se pode observar, o AR também ocorre com bastante frequência no contexto propício à RR. Os resultados confirmam a tendência evidenciada no estudo de Santana (2017) quanto ao fato de a região e a classe dos vocábulos serem relevantes para o AR, que se aplica expressivamente em Florianópolis, nas duas classes morfológicas, mas ainda ocorre de forma mais limitada em Curitiba e Porto Alegre, na classe dos não verbos. De forma geral, a classe morfológica continua sendo um fator preponderante para esse processo, que encontra nos verbos um contexto de aplicação mais favorável.

A observação das variantes realizadas em cada capital poderia servir como explicação para os índices de AR. Note-se que o tepe é a variante predominante em Curitiba (v: 75%; nv: 49%) e Porto Alegre (v: 60%; nv: 59%) nas duas classes morfológicas, enquanto a glotal predomina em Florianópolis na dos não verbos e apresenta percentual considerável na dos verbos (v: 42%; nv: 69%) (SANTANA, 2017). Segundo Serra & Callou (2013), o ponto de articulação [-ant] é um dos fatores que impulsionam o AR. Portanto, o maior percentual de queda do /R/ em Florianópolis pode ser explicado pelo fato de as variantes [-ant] predominarem nessa capital, mas não nas demais, onde o rótico ainda é mais preservado, sobretudo em não verbos.

3.2 Ressilabificação e outras realizações do rótico

O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos 196 dados de verbos (9,8%) e dos 224 dados de não verbos (76,4%) em que o AR não operou, quais sejam, aqueles em que a RR se aplicou – Exemplos 11 e 14 – ou o rótico foi realizado como outra variante marcada pela aplicação da pausa (PA) ou sem esse fator (SP) – Exemplos 12 e 15, 13 e 16, respectivamente. Na classe dos verbos, houve 190 ocorrências da RR (97%), quatro realizações PA (2%) e duas SP (1%). Na dos não verbos, registraram-se 173 casos da RR (77,2%), 47 realizações PA (21%) e quatro SP (1,8%).

Com base na sua aplicação geral (86,4%; *input* .86), os resultados sugerem que a RR é uma regra variável. A sua natureza inovadora ou conservadora, contudo, ainda não está clara, pelas razões que serão discutidas adiante. A distribuição da regra entre as capitais e nas classes morfológicas aponta que sua atuação se dá apenas nos contextos não afetados pela queda do segmento e sua ocorrência confirma a tendência ao esvaziamento da coda silábica, que é mais frequente nos verbos, como se tem verificado.

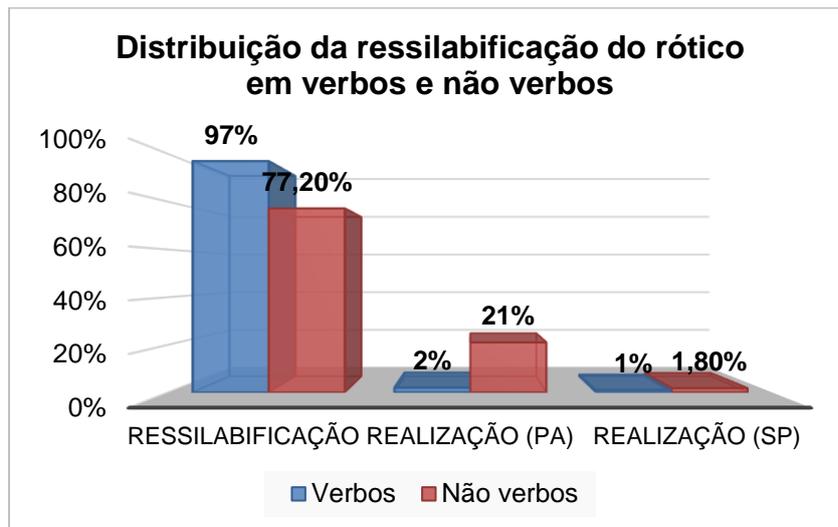


Gráfico 2: Realizações do rótico em verbos e não verbos no contexto R#V.

Quadro 3: Exemplos das realizações do rótico em verbos e não verbos no contexto R#V.

Verbos	<p>Ressilabificação – (11) E a outra é uma semente grande que tem que se[ra]massada e sai um óleo forte assim... (Informante 8 – Curitiba)</p> <p>Pausa aplicada – (12) Esfregar com escova, com vassoura, aí é varrer. Esse teu sinal é varrer [...]. (Informante 3 – Porto Alegre)</p> <p>Pausa não aplicada – (13) Eu quero saber se eu vou sair hoje ou se eu vou sai[r] amanhã. (Informante 8 – Porto Alegre)</p>
Não verbos	<p>Ressilabificação – (14) Tem gente do interior[ra]legrete, Uruguaiana, que já tem mais uma bagagem espanhola. (Informante 6 – Porto Alegre)</p> <p>Pausa aplicada – (15) Não ela colocou só o milho e açúcar, acho que um pouquinho de leite. (Informante 3 – Curitiba)</p> <p>Pausa não aplicada – (16) Usa o nome que está aí nos dicionários, né, cambalhota, mas no interior[h] ainda carambota é muita usado. (Informante 7 – Florianópolis)</p>

De acordo com a rodada, o percentual de ocorrência da RR é maior na classe dos verbos. Contudo, esse resultado não indica, categoricamente, que o processo é mais favorecido nela. Na classe dos não verbos, houve mais incidência de pausa, um fator suprasegmental que delimita o fim de um IP e o início de outro. A sua ocorrência bloqueou a aplicação da regra 47 vezes nos não verbos e apenas quatro vezes nos verbos. Essa diferença entre as duas classes indica que o fim de frase é muito mais suscetível à ocorrência de um não verbo do que de um verbo sem complemento. É necessário ressaltar que, mesmo não tendo havido a RR nos casos em questão, o /R/ foi realizado em fronteira de IP, que costuma favorecer a manutenção do segmento mais do que as fronteiras mais baixas de PW e PhP (SERRA & CALLOU, 2013; 2015). Assim, o rótico pode ser realizado em coda, mas não ser ressilabificado no contexto *R#V* devido à atuação da pausa.

Como já discutido no capítulo 2, a RR não promove a formação de palavras e envolve apenas vocábulos já formados e inseridos no nível sintático. Antes de serem inseridas nos sintagmas, a forma subjacente em coda corresponde a um elemento subespecificado ou ao arquifonema /R/. É na estrutura sintática que a forma fonética do vocábulo portador do /R/ pode apresentar uma das variantes características da região Sul⁹ e ser submetido à RR, desde que o contexto seja satisfatório. Consideremos o exemplo (17):

- (17) Eu não sei se até pouco tempo atrás o [po.de.ra.ki.zi'tʃi.vo] era maior.
(Informante 8 – Florianópolis)

Nesse exemplo, o processo de RR envolve os sintagmas [*poder*]_{SN} [*aquisitivo*]_{SAdj}. No vocábulo *poder*, o rótico se realiza mais frequentemente como uma fricativa [h], já que a variedade em análise é a falada em Florianópolis. Como *aquisitivo* satisfaz à condição necessária para à RR, o rótico passa a um tepe e ocupa o *onset* da nova sílaba. Portanto, a regra pós-lexical se aplica entre palavras e simplifica a estrutura silábica *CVC#V*, formando duas sílabas *CV*, como já indicado por Tenani (2002; 2006).

Uma evidência em favor da RR e do seu domínio de aplicação é dada por Monahan (1986) nas chamadas variedades não róticas do inglês. Segundo o autor, em variedades marcadas pela ocorrência de um *r de ligação*¹⁰, o rótico em coda tende a ser apagado no nível pós-lexical, como no exemplo em (18).

⁹ Segundo Santana (2017), a fricativa velar [X], a fricativa glotal [h], a vibrante simples [r], a vibrante múltipla [r] e a aproximante retroflexa [ɻ] são as variantes registradas nas capitais do Sul.

¹⁰ Do inglês, *linking r*.

(18) /star/ → [staØ]

No entanto, também no nível pós-lexical, o segmento pode ser realizado e passar ao *onset* de uma nova sílaba. A consoante deve estar em fronteira de palavra portadora de vogal, conforme (19), em que o /R/ em *star* se liga à vogal da forma flexionada do verbo *to be* (ser):

(19) The /star/ is dirty¹¹ → The [stariz] dirty.

Ainda discutindo a regra do *r de ligação* e evidenciando seu aspecto variável, o autor ressalta que sua aplicação só é possível se o rótico for seguido por vogal, havendo apagamento do segmento se o contexto for o de uma consoante. Nos casos analisados neste estudo, a ressilabificação variável do rótico no PB, representada no Quadro 4, também é condicionada por uma regra de apagamento, aplicando-se apenas nos contextos em que esta não opera, e pela ocorrência de pausa, conforme se observou anteriormente.

Quadro 4: Representação da regra de ressilabificação segundo a FL.

Representação subjacente	/podeR/	/akizisãw/-tivo/
Representação lexical	/ po'deR/	/a.ki.zi'ti.vo/
Representação fonética	[po'deh]	[a.ki.zi'tʃi.vo]
Aplicação de regra pós-lexical	Ressilabificação	[po'deh] # [a.ki.zi'tʃi.vo] → [po.de.ra.ki.zi'tʃi.vo]
Formalização da regra	σ A /R/ → [r] _] [+voc]	

Apesar de a RR ser caracterizada pela ocorrência do tepe no contexto $R\#V$, foi identificado no *corpus* um pequeno número de ocorrências nas quais o rótico não foi realizado como tal, mas, ainda assim, uniu-se à vogal seguinte, como no exemplo (20):

(20) O ma[**fiɛ**] a onda, né? (Informante 4 – Florianópolis)

¹¹ A estrela está suja.

O caso em (24), que apresenta uma fricativa, não é descrito na literatura como um tipo de ressilabificação e não tem um nome específico. Por envolver uma realização do /r/ forte, será tratado como *ressilabificação não prototípica*. Na perspectiva da FL, o segmento em (20) também é propiciado pela relação dos vocábulos adjacentes no pós-léxico e se realiza em *onset* como na sílaba em *carro* (ca[fi]o). Conforme mostram os resultados apresentados no Gráfico 2, a ocorrência desse fenômeno é consideravelmente menor se comparada à dos outros processos envolvendo o rótico. É necessário analisar mais dados para uma melhor compreensão de seu estatuto na língua bem como dos fatores que o motivam.

3.2.1 Variáveis relevantes para a ressilabificação

A rodada através da qual o processamento estatístico dos dados foi feito obteve *input* geral de 0.86 e significância de 0.04. O programa selecionou, em ordem de relevância para a aplicação da regra, as seguintes variáveis: (1) a fronteira prosódica, (2) a capital, (3) o tipo de vogal no núcleo subsequente ao /R/ e (4) a faixa etária do informante. Abaixo, a Tabela 1 apresenta a ocorrência da RR relativamente à atuação das fronteiras de constituintes prosódicos (Exemplos 21 – 23).

Tabela 1: Distribuição da ressilabificação de acordo com a fronteira prosódica.

Fator	Oco./Total	%	Peso relativo
ω	139/143	97,2	.74
φ	125/133	94	.57
I	99/144	68,8	.21

Exemplos

ω – (21) Ah, esse é o nosso mento[r_ωes]piritual. (Informante 6 – Porto Alegre)

φ – (22) Domingo eu pretendo... i[r_φaw] jóquei clube assistir o Grande Prêmio do Paraná. (Informante 7 – Curitiba)

I – (23) “Me explique melho[h]!”, I ele disse... (Informante 7 – Florianópolis)

Selecionada em primeiro lugar, essa variável confirma nossa hipótese de que a RR é sensível ao tipo de fronteira em que se encontra o rótico e, como se vê, não é bloqueada em nenhuma delas, conforme apontado por Tenani (2002). Entretanto, os pesos relativos indicam que há maior tendência à ocorrência do processo nas fronteiras mais baixas de PW e PhP (.74

e .57, respectivamente) do que na de IP (.21)¹². Ou seja, o segmento tende a ser mais ressilabificado se o vocábulo portador de vogal estiver nas fronteiras internas das frases. Como a fronteira de IP coincide com a fronteira de frases (de sentença, inclusive) e é mais proeminente, a regra é mais restringida nesse domínio.

Embora não bloqueie o sândi categoricamente, a fronteira de IP limita mais a sua ocorrência por ser um domínio geralmente marcado por pausa e sempre acompanhada por eventos melódicos frasais que indicam os tipos frásicos. Conforme se verificou na seção 3.2, a coocorrência desses fatores foi mais predominante na classe dos não verbos. Portanto, a RR não se aplica quando o vocábulo portador da vogal é mapeado em um domínio precedido de pausa.

A distribuição geral da RR entre as três capitais (Exemplos 24 – 26) é verificada na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da ressilabificação de acordo com a capital.

Fator	Oco./Total	%	Peso relativo
Curitiba	151/179	84,4	.43
Florianópolis	82/100	82	.27
Porto Alegre	130/141	92,2	.73

Exemplos

Curitiba – (24) Projeto Piá é o **luga[rõ]de** que as mães deixam os filhos maiorzinhos pra ficar, né? (Informante 1)

Florianópolis – (25) Não me lembro de **te[ro]vido** o nome disso. (Informante 6)

Porto Alegre – (26) O **repórte[rɛ]** bem legal, tu vê as notícias... (Informante 2)

A seleção da *capital* aponta que a RR, assim como o AR, distribui-se de maneira diferente entre as três capitais do Sul. A aplicação da regra no cômputo geral de dados de cada cidade confirma que a regra tende a ser mais realizada em Porto Alegre (P.R. .73) do que em Curitiba (P.R. .44) e Florianópolis (P.R. .27), embora os percentuais sejam altos em todas as capitais. Visto que é necessário observar verbos e não verbos isoladamente, a tabulação cruzada das variáveis *capital* e *classe morfológica* possibilita um maior

¹² Em sua análise da ressilabificação de /l/, Collischonn (2005) também atesta que a PW (P.R. .81) e o PhP (P.R. 0.61) favorecem a regra mais do que o IP (P.R. .30).

detalhamento da distribuição da regra em cada cidade e a comparação dos dois processos, AR e RR, com base nos mesmos parâmetros.

Conforme apresentado no início desta seção, nos dados desta monografia, houve a seguinte distribuição percentual do AR: em Curitiba, 87% em verbos e 9% em não verbos; em Porto Alegre, 90% em verbos e 16% em não verbos; e em Florianópolis, 93% em verbos e 53% em não verbos. Assim como indicado em diversos trabalhos sobre o tema, nossos dados evidenciam um contraste bastante marcado entre as classes morfológicas. Em não verbos, mais especificamente, também já se estabelece uma diferença entre as capitais, pois os percentuais ainda são mais baixos em Curitiba e Porto Alegre e já alto em Florianópolis, nos contextos R#V.

Nos dados em que o AR não se aplicou, a RR se distribuiu assim: em Curitiba, 97% em verbos e 71% em não verbos; em Porto Alegre, 94% em verbos e 91% em não verbos; e em Florianópolis, 100% em verbos e 62% em não verbos. Os verbos também se destacam no processo de RR, com percentuais mais altos relativamente aos não verbos. Como já referido anteriormente, a propósito da distribuição geral do fenômeno apresentada no Gráfico 2, é importante considerar a ocorrência de pausa nos dados. Nos não verbos de Florianópolis e Curitiba, essa pista prosódica incidiu sobre 30% e 29% dos dados, respectivamente, enquanto em Porto Alegre, somente 9% dos não verbos foram acompanhados por pausa.

Embora os verbos tenham sido menos marcados pela pausa, a maior incidência da RR nessa classe avança uma hipótese a ser confirmada nos próximos desdobramentos da pesquisa. Dois fatores que podem colaborar para a maior incidência da regra em verbos serão levados em conta: o fato de essa classe ser mais suscetível ao esvaziamento da coda final, por conta de a consoante ser uma marca morfológica redundante, que coocorre com o acento de palavra para a indicação do infinitivo verbal, ou a possibilidade de a regra não envolver diretamente a classe morfológica, já que, no âmbito deste estudo, a atuação da variável não possibilitou maiores generalizações sobre sua possível influência. Mais do que a classe morfológica, o que pode estar em questão é a localização da palavra na frase, no domínio da interface sintaxe-prosódica. A inibição da RR em não verbos localizados no fim de sentenças/de IP e o efeito da pausa podem ser pistas para o entendimento do processo. Uma análise caso a caso poderá comprovar a intuição de que o fim de sentença é mais suscetível, como se observou, à ocorrência de um não verbo do que de um verbo.

Na Tabela 3, verifica-se a aplicação da RR em função das vogais subsequentes ao rótico, entre as quais, as que mais favorecem a regra (Exemplos 27 e 28).

Tabela 3: Distribuição da ressilabificação de acordo com vogal no núcleo silábico subsequente ao /R/.

Fator	Oco./Total	%	Peso relativo
[a]	141/150	94	.60
[ɛ]	33/46	71,7	.28
[e]	33/45	73,3	.36
[i]	28/38	73,7	.31
[o]	46/48	95,8	.77
[u]	77/88	87,5	.41

Exemplos

[a] – (27) Doutor, eu vou **te[ra]w[ta]** hoje? (Informante 1 – Florianópolis)

[o] – (28) Eu acho que deve **te[ro]tro** nome, sim, mas eu não tô lembrada. (Informante 2 – Curitiba)

Em relação à *vogal no núcleo silábico subsequente ao /R/*, confirma-se o que já se verifica no trabalho de Tenani (2002) quanto ao fato de a qualidade vocálica não representar restrição à aplicação do processo¹³. Entre todas as vogais, contudo, [a] e [o] registram pesos relativos maiores, .61 e .76, respectivamente. Outra vogal que favoreceu a regra categoricamente foi [ɔ], uma vez que houve RR nas suas cinco ocorrências. Comum às vogais em questão, o traço [+rec] pode ser a razão pela qual tais vogais favoreçam mais a regra, mesmo que haja dessemelhança articulatória entre elas e o tepe.

Além do aspecto articulatório das vogais, a análise do *corpus*¹⁴ indica que o léxico também pode ter influenciado/enviesado a seleção da variável, uma vez que houve a recorrência de diversos vocábulos iniciados pelas vogais em análise, tanto monossilábicos quanto polissilábicos. Abaixo, verificam-se alguns itens com recorrência na amostra:

[a]: a/s (42), água (8), aí (6), ainda (5), alta (19), aqui (8), assim (15), até (5)

[o]: hoje (14), onde (5), ovo (5), ou (9), outro/a (4)

¹³ A autora apresenta os seguintes dados: “amor horrível [a'moro'ɣivɛʊ]; amor ótimo [amo'rɔtʃimɔ]; amor humano [a'moru'mãɔs] (sic); amor esplêndido [a'mores'plɛdʒidɔ] ou [a'moris'plɛdʒidɔ]; amor épico amo'rɛpikɔ]” (TENANI, 2002, p. 118).

¹⁴ cf. Apêndices

Embora não esteja no escopo do trabalho discutir a regra segundo os modelos que consideram o papel da frequência lexical em processos de variação, evidências indicam que determinados fenômenos tendem a se aplicar a palavras mais recorrentes do que outras (COETZEE, 2008; DE BONA, 2018). Para os dados apresentados acima, a frequência vocabular está relacionada a respostas que tendem a se repetir em função do questionário e mobilizam determinados vocábulos verbais e não verbais seguidos pelas mesmas palavras portadoras de vogal. Este é o caso, por exemplo, dos substantivos *alta* e *água*, que estão ligados às construções *ter alta* e *por água*. O mesmo se verifica em relação a *hoje* e *ovo*, que surgem nas construções *sair hoje* e *por ovo*. Nesses casos, a análise dos vocábulos portadores de vogal indica que também é necessário observar a frequência dos portadores do /R/, que podem apresentar maior ou menor grau de favorecimento à regra.

Tais exemplos podem ser pistas para uma possível correlação entre a RR e a frequência de uso lexical. Ou seja, a aplicação da regra pode ser influenciada não apenas por condicionamentos morfológicos e prosódicos, mas também pela frequência de ambos os itens lexicais envolvidos no processo. O levantamento de dados em outras amostras e uma análise mais sistemática poderão (re)dimensionar o papel efetivo das vogais, principalmente, as de traço [+rec], e o da frequência lexical na aplicação da regra. Esta investigação compõe nossa agenda de trabalho e será possivelmente realizada em uma pesquisa de Mestrado.

Por fim, a relação entre a regra e a faixa etária (Exemplos 29 e 30) é apresentada na Tabela 4.

Tabela 4: Distribuição da ressilabificação de acordo com a faixa etária.

Fator	Oco./Total	%	Peso relativo
F1 – 18-30 anos	146/159	91,8	.61
F2 – 56-64 anos	217/261	83,1	.42
Exemplos			
18-30 anos – (29) Foi uma semana muito, muito boa. E depois eu saber que passei foi melho[raí]da , né? (Informante 6 – Porto Alegre)			
56-64 anos – (30) Hoje ele me respeita como mulhe[re]le me elogia... (Informante 8 – Florianópolis)			

Outra variável extralinguística selecionada na rodada estatística, a *faixa etária* indica que os informantes da F1 (P.R. .61), realizam o processo mais do que os da F2 (P.R. .42).

Em princípio, como a realização do /R/ em coda é um comportamento conservador, o resultado não confirma a expectativa de que o rótico seria menos preservado na fala dos mais jovens. Entretanto, em um conjunto menor de dados em que não haja queda do rótico em coda nem pausa, pode haver maior ou menor aplicação da RR, a depender da faixa etária, por exemplo. Nesse caso, por mais que os jovens sejam mais propensos a apagar mais a coda final, no conjunto mais reduzido de dados com manutenção do segmento (residual em verbos e mais abundante em não verbos), é possível que também realizem mais a RR.

Apesar de o resultado indicar que a regra é mais implementada na fala dos mais jovens, consideramos a possibilidade de que determinados informantes tivessem influenciado o desempenho de seu grupo. Como a tendência apontada pela *faixa etária* não deve ser interpretada isoladamente, foram feitas tabulações cruzadas através das quais buscamos confirmar a atuação dessa variável com base em sua interação com as demais utilizadas no estudo. A *classe morfológica do vocábulo* e o *sexo do informante*, apresentadas nas Tabelas 5 e 6, respectivamente, lançam luz sobre o que motivou a diferença entre os informantes mais jovens e os mais velhos.

Tabela 5: Cruzamento das variáveis faixa etária e classe morfológica.

Variável	Classe morfológica			
	Verbos		Não verbos	
Faixa etária	Oco./Total	%	Oco./Total	%
1 – 18-30 anos	72/74	97	74/85	87
2 – 56-64 anos	118/122	97	99/139	71

De acordo com esse cruzamento, a diferença entre as duas faixas etárias se deu principalmente na classe dos não verbos. Os informantes da F2 foram responsáveis por quarenta ocorrências nas quais o processo não se aplicou. Como já se sabe que a pausa atuou mais nessa classe, também se verifica que sua ocorrência foi mais frequente nos dados produzidos pelos informantes da F2. Isso não significa, contudo, que o comportamento desses informantes foi mais inovador, já que a RR não se aplicou, mas houve realização do rótico em fronteira de IP concomitante com a pausa.

Tabela 6: Cruzamento das variáveis faixa etária e sexo.

Variável	Sexo			
	Masculino		Feminino	
Faixa etária	Oco./Total	%	Oco./Total	%
1 – 18-30 anos	54/58	93	92/101	91
2 – 56-64 anos	101/112	90	116/149	78

Como se pode observar, os informantes da F2, sobretudo, as mulheres, produziram mais dados do que os da F1. Apesar disso, comparativamente, as mulheres também foram responsáveis pelos menores percentuais de aplicação da RR, principalmente na segunda faixa etária. Considerando, novamente, a incidência de pausa, vemos que a fala feminina foi mais marcada por esse fator. Nesse caso, o comportamento das informantes da F2 influenciou o desempenho do grupo em relação aos mais jovens

A seleção da variável não indica, conclusivamente, que os informantes mais jovens já realizam mais a RR. Pelos dados analisados, observamos que a pausa, que restringe a RR, foi mais recorrente na fala das mulheres da segunda faixa etária e se aplicou mais na classe dos não verbos, que ocorre mais frequentemente no fim de frases. Os cruzamentos confirmam, portanto, que é necessário avaliar a relação entre a realização da regra e fatores sociais.

Sendo assim, a natureza da RR é um aspecto ainda a ser melhor estudado a partir de *corpora* mais extensos. Do ponto de vista variacionista, também não se pode determinar se se trata de variação estável ou mudança em curso, visto que os informantes do ALiB recobrem somente duas faixas etárias. Não só o aspecto da regra como também seu estágio de implementação poderão ser melhor entendidos a partir de mais análises do processo no PB, que, como já dito, passa por um processo de mudança na realização do /R/ em coda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados nesta monografia confirmam que a tendência predominante no PB é o apagamento do rótico em coda, mesmo no contexto necessário à ressilabificação, que se aplica quando aquele processo não atua. Devido a sua natureza variável, a RR é uma regra pós-lexical que se aplica entre vocábulos adjacentes e pode ser bloqueada/desfavorecida (i) pelo apagamento, (ii) pela pausa e (iii) pela fronteira de IP. Em menor escala, pode ser caracterizada pela ocorrência de uma variante diferente do tepe, quando ocorre uma ressilabificação não prototípica. Independentemente da categoria morfológica, tal como o AR, a RR simplifica a estrutura silábica, confirmando uma tendência no PB.

Das variáveis extralinguísticas testadas, a região de origem do falante se mostrou a mais relevante para a realização da regra. Enquanto os maiores percentuais foram observados em Curitiba e Porto Alegre, o menor foi registrado em Florianópolis. Estudos com dados de outras regiões, como a Nordeste, em que o AR já é quase categórico nas duas categorias morfológicas, e a Sudeste, onde o rótico se realiza de maneira diferente nos estados que compõem a região, podem confirmar se a aplicação da regra é condicionada pelos mesmos fatores em todas as regiões do Brasil e oferecer mais evidências sobre a distribuição desse processo na língua.

Tratando-se das variáveis linguísticas, a atuação das fronteiras prosódicas confirma a hipótese de que a RR é, de fato, mais favorecida nas mais baixas de PW e PhP. Embora não iniba completamente a regra, a fronteira de IP desfavorece o processo principalmente nos contextos em que esse domínio é marcado pela ocorrência de pausa. Evidencia-se, assim, que a RR não se restringe às sílabas dos vocábulos adjacentes no nível sintagmático, sendo necessário observar as fronteiras prosódicas envolvidas no fenômeno.

Ao contrário do que se verifica para o AR, a classe morfológica dos vocábulos não foi apontada como um fator relevante para a aplicação da RR. A observação de verbos e não verbos indica que a análise da RR deve levar em conta a atuação de fatores prosódicos como a pausa, que, no conjunto de dados utilizados no estudo, incidiu mais em não verbos. Uma investigação sobre a classe morfológica e a localização do vocábulo na frase, no domínio da interface sintaxe-prosódica, pode elucidar a relevância desses fatores para aplicação da regra.

O peso de outras duas variáveis selecionadas na rodada estatística ainda requer uma análise mais sistemática. Como se verificou, há indícios de que as vogais de traço [+rec] podem favorecer o processo mais do que as demais, o que pode ter alguma relação com a

frequência lexical de ambos os vocábulos envolvidos no processo. Em relação à *faixa etária*, ainda não é possível determinar se a regra é, de fato, mais realizada por informantes mais jovens. Mais uma vez, a atuação da pausa foi responsável pela diferença entre os informantes mais jovens e os mais velhos, cujos enunciados foram mais marcados por esse fator.

Feitas essas considerações, cabe ressaltar, por fim, que este estudo não pretende esgotar o tema ou a possibilidade de outras explicações para o objeto analisado. Com base na perspectiva variacionista e na interface sintaxe-prosódia, os resultados fornecem algumas evidências para a compreensão desse processo de realização do rótico. Esperamos, assim, contribuir para o já vasto campo de estudos que descrevem o rótico, focalizando esse fenômeno ainda pouco investigado, mas importante para o entendimento da mudança na realização do segmento na variedade sulista do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. Fonologia Lexical. In: HORA, D. da; MATZENAUER, C. L. (orgs.). **Fonologia, Fonologias**. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 81-92.
- CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português do Brasil. O apagamento do R no dialeto nordestino. **ABRALIN**, v.14, n.1, p. 195-219, jan./jun. 2015.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- CARDOSO, S. *et alii*. **Atlas linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- COETZEE, A. W. Phonological Variation and lexical frequency. In: SCHARDL, A.; WALKOW, M.; ABDURRAHMAN, M. (orgs). North East Linguistic Society, n° 38, Ottawa, 2008. **Proceedings of the 38th Annual Meeting of the North East Linguistic Society: Volume 1**. Amherst: GLSA, 2008, p. 189-202.
- COLLISCHONN, G. Ressilabação da lateral pós-vocálica final e sua limitação prosódica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre. v. 40, n° 3. p. 7-38, set. 2005
- DE BONA, C. **O papel da frequência lexical em fenômenos fonológicos condicionados morfologicamente do português brasileiro**. 2018. 151 f. Tese (Doutorado em Fonologia e Morfologia) – Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- FUDGE, E. Syllables. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 5. n° 2, p. 254-287, 1969.
- FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.
- GONÇALVES C. A. Interface Fonologia-Morfologia: teorias, abordagens e temas. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 47, p. 333-355, jul./dez. 2013
- KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In.: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hashin Publishing, 1982, p. 3-91.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change. Vol. 1: Internal factors**. Cambridge: Wiley-Blackwell, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change. Vol. 2: Social Factors**. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2001.
- _____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 234-50.
- _____. **Principles of linguistic change. Vol. 3: Cognitive and Cultural Factors**. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2010.

LADD, R. **Intonational phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LEE, S. Fonologia lexical do português, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas. v. 23, 103-120, jul./dez. 1992.

_____. **Fonologia e morfologia lexical do português do Brasil**. 1995. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

MARCATO, F. **Análise prosódica de preposições monossilábicas**. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

MATEUS, M. H. M. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In.: ENCONTRO SOBRE O ENSINO DAS LÍNGUAS E A LINGUÍSTICA APL E ESSE DE SETÚBAL 27 e 28 de Setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

MONAHAN, K. P. **The theory of lexical phonology**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1986.

MONARETTO, V. N. de O. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre. v. 35, nº 1. p. 275-284, mar. 2000.

MORAES, J. A. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: Conference on Speech Prosody, nº 4, 2008, Campinas. **Proceedings of the Speech Prosody 2008**. Campinas: Unicamp, 2008, p.389-398.

NESPOR, M.; VOGEL, I. (2007). **Prosodic phonology**. Berlin: Mouton De Gruyter, 1986.

OLIVEIRA, I; SANTANA, M.; XAVIER, K.; SERRA, C. O rótico em coda silábica final na região Sul do Brasil: variação e mudança no corpus do ALiB. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**. v. 20: Número Especial "História linguística e social, Fonética-Fonologia-Prosódia, Variação e Mudança Linguística: homenagem a Dinah Callou", p. 334-364, 2018.

PIKE, K.; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. Chicago, **International Journal of Applied Linguistics**, v. 13, nº 2, p. 78-91, abr. 1947.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. GoldVarb X: **A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTANA, M. **O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB**. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SELKIRK, E. **On prosodic structure and its relation to syntactic structure**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1980.

_____. The syllable. In: HULST, H. V. d.; SMITH, N. (eds.). **The structure of phonological representations: Part 2**. Dordrecht: Foris, 1982, p. 337-384.

SERRA, C. **Realização e percepção das fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura**. 2009. 244 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SERRA, C.; ALVES, M. G. Ressilabificação do rótico e fronteiras prosódicas no sul do Brasil. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 47-73, jan./jul. 2019.

SERRA, C.; CALLOU, D. **A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades**. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, 2013, p. 585-594

SERRA, C.; CALLOU, D. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: AMEDEO De D. (ed.). **pS-prominenceS: Prominences in Linguistics. Proceedings of the International Conference**. University of Tuscia. Disucom Press:Viterbo, Italy, p. 96-113, 2015.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. 2002. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. Domínios prosódicos e processos de reestruturação silábica. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 32, 2003.

_____. Considerações sobre a relação entre processos de sândi e ritmo. **Estudos da Linguagem**, Vitória da Conquista, n. 3, p. 105-122, junho 2006.

_____. Fonologia Prosódica. In: HORA, D. da; MATZENAUER, C. L. (orgs.). **Fonologia, Fonologias**. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 109-124.

VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? **The Linguistic Review**, v. 27, nº 4, p. 485-530, 2010.

WEINREICH U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188,.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Verbos envolvidos na ressilabificação.

- O número entre parênteses indica a quantidade de ocorrências do vocábulo.

Curitiba	Florianópolis	Porto Alegre
ajudar	avistar	anoitecer
botar	botar (2)	botar
buscar	colocar (2)	caber (2)
caber (2)	dar (6)	cair (2)
chamar	existir	clarear
chegar	fazer	colocar
dizer	houver	comer
entender	ir (2)	dar (4)
estar	limpar	falecer
fazer (2)	olhar	fazer (2)
for (4)	pagar	for (7)
ganhar	parir	ganhar (2)
ir	plantar (3)	ir
levar	poder	manter
matar	por (13)	por (3)
pegar	puxar	quer
por (9)	rasgar	repor
realizar	receber (3)	sair (9)
receber	repor	supor (2)
relaxar	saber	ter (2)
sair (5)	ter (7)	tomar
ser (15)	tomar	umedecer
souber		viajar
(es)tar (2)		
ter (26)		
tomar		
trazer		
ver (2)		
vir (3)		

APÊNDICE B – Não verbos envolvidos na ressilabificação.

Curitiba	Florianópolis	Porto Alegre
açúcar	amor (2)	ar
alimentador	apesar	bar (4)
bar (2)	autor	calcanhar
calor (2)	bar	celular
computador	calcanhar	circular
corredor (2)	conhecedor	computador (4)
dor	desesperador	condutor
doutor	doutor	devagar
falador (2)	interior	doutor (4)
favor	lugar	estabilizador
humor	mar (3)	exemplar
interruptor (2)	maior (4)	gravador
licor	menor	interior (6)
lugar (9)	mulher (2)	linguajar
maior (4)	peculiar	lugar (9)
melhor	pescador	maior (6)
menor (2)	poder	mar (2)
molar	popular	melhor (4)
mulher (8)	prazer	menor (6)
olhar (verbo nominalizado)	qualquer	mentor
orientador (3)	retangular	motor
particular	zíper	mulher (8)
pintor		pio (2)
pio (2)		refrigerador (2)
professor (3)		regador
promotor		repórter (2)
sabor		roubar
senhor (6)		senhor (5)
vapor		vapor
vestibular		vestibular
		voador
		vulgar

APÊNDICE C – Vocábulos portadores de vogal envolvidos na ressilabificação.

Curitiba		Florianópolis	Porto Alegre	
a (12)	[i]specífico	a (13)	a (12)	usam
Abibe	[o] (4)	à	['a] (<i>há</i>)	
acho	[o]je (8)	acaba	acha	
acompanhou	olha	acordar	água (2)	
ao (2)	onde (2)	água (3)	aí (2)	
aí (3)	ontem	aí	ainda (2)	
ainda (3)	[o]rrível	ainda (3)	Alegrete	
agora (2)	ou (3)	alta (7)	alta (4)	
água (3)	outra (2)	ao	amanhã (4)	
ali (2)	outro	aqui (2)	ao	
alguma	ovo	aquisitivo	aquele (2)	
alta (8)	[u] (<i>o</i> , 18)	as	aqui (4)	
amassada	um (13)	assim (4)	assar	
anda	uma (6)	é (2)	assim (5)	
antes	[us] (<i>os</i>)	ele	é (22)	
antigamente		eles	ele (3)	
aqueles		em	em (2)	
aqui (2)		eu (2)	era (2)	
as (2)		[i]	[e]spiritual	
assim (6)		intensidade	essas	
até (5)		isso	eu (7)	
atrasada		onde	[e]xiste (2)	
é (5)		ordem (2)	[e]xpressão	
ele		ou (3)	[i] (9)	
em		ouvido	isso (4)	
encaminhado		ovo (3)	obrigada	
então (2)		ovos	[o]je (6)	
entrou		[u] (13)	onde (2)	
era		um (4)	ontem	
[e]studado		uma (4)	ótimo	
eu (4)		os [us]	ou (3)	
[e]xaminada			outra	
[i] (<i>e</i> , 8)			ovo	
idade			[u] (10)	
índice			um (4)	
inverno			uma	
			[us]	